

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

Mitos, problemas e sinais: a imprensa gay, a provisoriedade da história e o ativismo antes de 1978

Rita de Cassia Colaço-Rodrigues

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5464>

Submetido em: 2023-01-19

Postado em: 2023-05-09 (versão 2)

(AAAA-MM-DD)

**Mitos, problemas e sinais:
a imprensa artesanal gay, o processo histórico
e o ativismo antes de 1978¹**

**Myths, problems and signals:
the rudimentary gay press, the historical process
and activism before 1978**

Rita de Cassia Colaço Rodrigues
ritacolacobr@yahoo.com.br

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2784-3342>
Museu Bajubá, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: A literatura sobre o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) opera na ideia do mito fundador. Não reconhece a imprensa gay artesanal, as ações efêmeras ou as impedidas pela ditadura como integrantes. Negligencia, assim, o processo histórico e o desafio de superação da identidade deteriorada (COLAÇO-RODRIGUES, 2022). Este artigo examina periódicos gays nacionais e internacionais, o debate sobre a imprensa artesanal no jornal *Lampião* e a literatura de referência sobre o tema. Entendendo que a categoria movimento social abarca o conjunto de suas fases, inclusive a embrionária (GOHN, 2008, p. 259), este texto demonstra que tais periódicos não “se limitavam à bem-humorada paródia [...]” (MACRAE, 2018, p. 165). Eles participaram efetivamente na construção da consciência política dos homossexuais, integrando, portanto, o MHB.

Palavras-chave: mito – investigação – prova.

Abstract: The literature on the Brazilian Homosexual Movement (MHB) is based on the idea of a founding myth. It does not integrate the artisanal gay press, the ephemeral actions and those prevented by the dictatorship. Thus, it neglects the historical process and the challenge of overcoming a deteriorated identity (COLAÇO-RODRIGUES, 2022). Understanding that the social movement category encompasses all phases, including the embryonic one (GOHN, 2008, p. 259), this article examines national and international gay journals, the debate about this press in *Lampião*, the reference literature on the subject and demonstrates that it was not “limited to good-natured parody [...]” (MACRAE, 2018, p. 165), but participated in building the political awareness of homosexuals, thus integrating the MHB.

Keywords: mythy, research, evidence.

¹ Iniciada em 2018, esta pesquisa excedeu em tempo, gerou dois artigos e minicursos vários. Colegas leram versões, socializaram fontes e artigos. Sem espaço para nomeá-los, remeto a AUTOR, 2022. Grata a todos, sou, porém, a única responsável pelo seu conteúdo.

Introdução

O movimento homossexual, como a classe operária, “não surgiu tal como o sol, numa hora determinada.” (THOMPSON, 2004, p. 9)

O historiador E. P. Thompson (2004), para a formação da classe operária inglesa, no século XIX, e o sociólogo Eder Sader (1988), para os movimentos populares brasileiros das décadas de 1970 e 1980, em São Paulo, destacaram o papel determinante das publicações clandestinas e artesanais no processo de constituição da consciência política² daqueles atores. No caso paulista, o apoio de setores da Igreja Católica deu suporte aos embates com o campo autoritário e legitimou reivindicações. As pessoas homossexuais, contudo, não dispunham de instituição legitimadora em seu processo de organização. Mas contaram com redes e espaços de sociabilidade formados pelas gerações anteriores, avançando na conquista e criação de outros (RODRIGUES, 2012, 2016; MORANDO, 2018; BITTENCOURT, 1978). Um desses foi a imprensa gay artesanal. Jorge Luís Pinto Rodrigues (2005) reconhece esse papel estruturante da identidade coletiva desempenhado pela imprensa homossexual. Mas não em relação à imprensa gay artesanal brasileira.

Entretanto, ao contrário do que ele e outros autores afirmam, e como aqui será demonstrado, os jornais gays artesanais não “se limitavam à bem-humorada paródia dos acontecimentos mundanos da alta sociedade” (MACRAE, 2018, p. 165) – legítimo elemento da subcultura, expressão de sua resistência. Esses periódicos e, por extensão, as redes de sociabilidade em torno deles, propiciaram a pertença e a construção, tanto de mecanismos de proteção recíproca, quanto da identidade coletiva e da consciência política. Em suas páginas também refletiram sobre si e o lugar que a sociedade lhes

² Ademais da noção de identidade coletiva, este artigo trabalha a categoria consciência política, entendendo que a segunda não integra necessariamente a primeira, ambas indispensáveis na construção da ação política.

designava, tendo já clareza sobre o reconhecimento dos “direitos civis” como objetivo da luta; Ali reelaboravam a experiência da subjetividade desqualificada e marcada pela culpa; problematizavam os modos de estruturação de suas práticas e identidades sexuais. E ainda que, em certos momentos, alguns de seus principais personagens expressassem de suas ações uma visão desimportante, em outras ocasiões foram capazes de manifestar a consciência de que suas expressões culturais, incluída a sua imprensa artesanal, eram uma forma de ação política, naquilo que chamavam eles próprios de “movimento homossexual”, “União Brasileira de Entendidos” e “movimento gay brasileiro” (*Aliança dos Ativistas Homossexuais*, n. 2, 1977; *Gente Gay*, n. 3, 15/02/1977, p. 15). A literatura acadêmica sobre o Movimento Homossexual Brasileiro, porém, cristalizou a ideia do mito fundador, desconsiderando o processo histórico, a não linearidade dos movimentos sociais e o esforço adicional na constituição da consciência política exigido aos atores alvo de processos de estigmatização (COLAÇO-RODRIGUES, 2022).

Este artigo examina, do Fundo da Turma OK no Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp, a primeira edição do jornal *Baby*, várias edições do *Gente Gay*, *Snob* e *Aliança de Ativistas Homossexuais*. Em cotejo com publicações gays francesa e estadunidenses, com o debate sobre a nossa imprensa artesanal, no jornal *Lampião da Esquina*, e com a literatura de referência sobre o tema. Da imprensa artesanal, aborda os seguintes editores: Frederico Jorge Dantas³, Waldeilton di Paula (*sic*, Paulete Godiva), Agildo Guimarães (Gilka Dantas), Hélio Fonseca (Pantera Rosa/Gato Preto), Anuah Farah (Bianca Marie⁴), José Mauro de Moura e Manoel Messias Bacco. Tem por base o entendimento de que a categoria movimento social abarca o conjunto de suas fases, inclusive a embrionária (GOHN, 2008, p. 259), e demonstra que esses periódicos artesanais não “se limitavam à bem-humorada paródia [...]” (MACRAE, 2018, p. 165)

³ Por vezes grafado como Frederico, no *Aliança* tem-se a grafia correta (notadamente na página 6, n. 3).

⁴ Segundo Agildo Guimarães, usar pseudônimos era parte da gestão do estigma (FRY, 1978, p. 4; MÍCCOLIS, 1980, p. 6-7). Ele datilografava o *Snob* na Vale do Rio Doce, onde trabalhava, após o expediente. Foi demitido ao descobrirem um exemplar na sua gaveta (MÍCCOLIS, 1980, p. 6).

– eles participaram efetiva e conscientemente na constituição do Movimento Homossexual Brasileiro.

Corpus e contexto

Da imprensa gay artesanal brasileira, temos: amplo, mas fragmentário, acervo no Arquivo Edgard Leuenroth (Fundo Turma OK); no *Lampião da Esquina*, disponibilizado virtualmente pelo Grupo Dignidade, o debate protagonizado por Fredirico Jorge Dantas⁵, José Alcides Ferreira e Peter Fry e a entrevista com os principais editores dessa imprensa no Rio de Janeiro, realizada por Leila Míccolis; as leituras produzidas por Edward MacRae (2018), James Green (2000), Jorge Caê Rodrigues/Jorge Luís Pinto Rodrigues⁶ (2005, 2007, 2010), Carlos Figari (2007), Rogério da Silva Martins da Costa (2010); e as referências de José Barbosa da Silva a um periódico de fins da década de 1950, em São Paulo (GREEN, 2000, nota 115, *in fine*, p. 325; SILVA, 2005, p. 171). Novas pesquisas têm surgido, sobretudo no jornalismo (FERREIRA, 2019; SILVA JÚNIOR, 2022).

Peter Fry tratou das experiências soteropolitanas de Waldeilton di Paula, cujo acervo teve acesso. Leila Míccolis, entrevistando Anuah Farah e Agildo Guimarães, também (posteriormente doado ao AEL). Míccolis (1983, p. 96-110) e esta autora (COLAÇO, 1984, p. 57-66) realizaram a recuperação e divulgação possível dessas iniciativas. Míccolis mapeou 27 publicações no Rio de Janeiro, entre 1961 e 1977 (MÍCCOLIS, 1983, p. 7). Esta autora listou, com nomes, unidade federativa, responsável e ano de surgimento, 36 títulos, de 1960 a 1982, sendo trinta deles anteriores ao *Lampião* (COLAÇO, 1984, p. 61). Em 1986, Míccolis o enriqueceria com outros títulos, no *Catálogo de imprensa alternativa* (MÍCCOLIS, 1986). James Green (2000, p. 325) relaciona trinta publicações, mencionando título, local e ano, mas não o

⁵ Referido em 1984 (p. 61), o redescubro em 2018. Infrutífera a busca junto a remanescentes do *Lampião* e colegas, exceto INSAUSTI; FERNÁNDEZ GALEANO, 2020. Bortolozzi, generosamente, foi a longa manus, junto ao AEL, complementando pesquisa de 2008, a quem agradeço.

⁶ Jorge Luís Pinto Rodrigues e Jorge Caê Rodrigues são a mesma pessoa. O primeiro, seu nome civil, como consta da tese; o segundo, como consta no livro publicado.

responsável pela publicação. Traz títulos novos, mas não menciona outros já listados. Embora cite Mícolis e esta autora nas referências, para mais informações remete apenas para o texto de Fry no *Lampião* n. 4, p. 4 (GREEN, 2000, p. 473, 489). Do acervo depositado no Arquivo Edgard Leuenroth, quase nada se tem das iniciativas soteropolitanas; dos títulos disponíveis, de alguns apenas se tem preservado um exemplar, outros faltam páginas, alguns não trazem a data da edição – a comprometer o entendimento integral dessas experiências, conforme já destacado por Carlos Humberto Ferreira (SILVA JÚNIOR, 2022, p. 2).

José Fábio Barbosa da Silva localizou o mais antigo periódico homossexual referido: em São Paulo, entre os anos de 1959-1960, no contexto de sua pesquisa, recuperada por James Green (2005). Em sua tese, Green destacara a constatação de Barbosa da Silva de que “a publicação refletia um desenvolvimento significativo da organização dessa minoria” (GREEN, 2000, nota 115, *in fine*, p. 325). Para José Fábio, era um processo “variado não só quanto a diferentes graus, como também quanto a orientações.” – “Há muita variação quanto aos ideais e à orientação que a minoria deveria assumir”, continua Silva, “alguns em direção a uma maior organização, enquanto outros essencialmente em relação a uma maior individualização e quebra de possíveis elos existentes para a unidade grupal.” E ilustra essa variação de entendimento com a notícia da breve existência de um periódico da região, “comentando a vida de um subgrupo de homossexuais ostensivos” (afeminados). A publicação, inicialmente muito bem recebida por parte da minoria, considerada expressão da cultura do grupo, foi tida por outros como “subversiva” e contrária aos seus interesses. José Fábio não esclarece se a contrariedade resultaria da quebra do segredo do grupo, mas destaca que o periódico expressava “um movimento original que levaria a uma maior organização da minoria [...] como tem ocorrido em outros contextos.” (SILVA, 2005, p. 171).

Esse processo de organização dos homossexuais, observado por José Fábio ainda em fins de 1950, também é visto em outras publicações artesanais; nas diversas tentativas de realização de congressos, por homossexuais e travestis (MORANDO, 2018); nas experiências efêmeras de grupos de discussão (RODRIGUES, 2012); e em

várias matérias na imprensa comercial – revista *Manchete*, ed. 1325, 10/09/1977, p. 89-90 ("Os homossexuais brasileiros resolveram que chegou o momento de se assumir e partem à luta aberta contra os preconceitos"); entrevista de Rogéria a Aguinaldo Silva, no *Pasquim*, em 1971, citada por James Green (2000, p. 418 e 443, nota 86), da qual James Green reconhece que a fala de Rogéria “era eminentemente política. Ele [a travesti Rogéria] categorizava os homossexuais como uma minoria oprimida e pregava a autoafirmação como meio de superar a discriminação – dois elementos básicos do movimento internacional” (GREEN, 2000, p. 418); a reportagem publicada pela revista *Realidade* de maio de 1968, onde, segundo o brasilianista, “nenhum dos homens entrevistados considerava sua orientação sexual como uma doença” (GREEN, 2000 [1999], p. 426 e 445, nota 107); as cartas comentando essa reportagem, citadas pelo mesmo pesquisador e acrescidas das partilhadas por Luiz Morando (*Realidade*, ano III, n. 27, jun. 1964, p. 6 e n. 28, jul. 1964, p. 4-5). E, na imprensa comercial, podemos encontrar ainda muitos outros registros da década de 1960, demonstrando o processo de mudança por que passava a representação da homossexualidade e documentando várias ações de ativismo político, no Brasil e no exterior. Do exterior, as iniciativas reivindicatórias de direitos vinham, sobretudo, de homossexuais da Europa, como se verá a seguir.

Em consulta à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no período de 1950 a 1969, com o termo “associação de homossexuais”, apareceram treze ocorrências sobre entidades de defesa de direitos dos homossexuais. Em 1953, uma para a Suécia, noticiada pelo jornal *A Nação* de Santa Catarina (ed. 0233, de 13/03/1953, p. 4, coluna Ronda da vida) – informando estar em funcionamento, legalmente, “uma Associação de Homossexuais”. Em assembleia geral, a entidade “deliberou encaminhar ao Parlamento um memorial, solicitando a legalização de ‘matrimônios’ contraídos entre indivíduos do mesmo sexo”. Reivindicavam lei que assegurasse o direito de herança decorrente dessas conjugalidades. Para a Holanda e Inglaterra, doze, todas na década de 1960: no Rio de Janeiro, três ocorrências no jornal *Luta Democrática*; duas no *Correio da Manhã*, no *Diário de Notícias* e no *O Jornal*; e uma no *Jornal dos Sports*, *Tribuna da Imprensa* e no

Jornal do Commercio. Em São Paulo, uma no *Diário da Noite*; e em Pernambuco, uma no *Diário de Pernambuco*. O *Diário da Noite* noticia em caixa-alta e em negrito um “Congresso de homossexuais na Holanda”, promovido pela “Associação dos Homossexuais holandeses, centro de cultura e estudo”, comemorando o seu 15º aniversário. Criada em 1946, tinha “3.900 membros, dos quais muitos são mulheres [...] tem numerosos contactos no estrangeiro e por sua iniciativa, foi criado o ‘International Comitê Sexual Equality’, que reúne 25 associações de homossexuais do mundo todo” (*Diário da Noite*, 06/10/1961, p. 7). O *Diário de Pernambuco* noticia que essa associação ingressara na Comissão da ONU para os direitos do homem, pedindo “um exame sem preconceitos, da sorte desta desgraçada minoria”, de modo a que “sejam considerados seres humanos normais que, contudo, externam suas paixões de maneira distinta” (*Diário de Pernambuco*, 16/10/1966, 3º Cad., p. 3).

Afora os achados de Luiz Morando (2018), para “Congresso de Homossexuais”, na Hemeroteca da Biblioteca Nacional foi localizada uma ocorrência para o Rio de Janeiro, de um total de oitenta títulos: fala da prisão de oito homens em um apartamento no centro de Niterói, “[n]uma reunião preparatória para o I Congresso de Homossexuais de Niterói”. Um deles veio de São Paulo exclusivamente para a reunião. Cinco meses após a vigência do AI-5, em 7 de maio de 1969 (*Diário de Notícias*, 1ª seção, p. 11).

No mesmo decênio, para o termo “homossexuais”, surgiram, apenas no *Jornal do Brasil*, 195 ocorrências. Destacam-se: a intensa subcultura homossexual em Copacabana (*JB*, 23/02/1964, Cad. B, p. 8; 15/02/1967, Cad. B, p. 6); a luta pela descriminalização da homossexualidade na Grã-Bretanha (com longo e detalhado histórico. *JB*, 02/08/1964, Cad. B, p. 15; 13/05/1965, 1º Cad., p. 14; 12/02/1966, 1º Cad., p. 8); as declarações do vigário e São Francisco, Robert W. Cromey, a favor da homossexualidade (*JB*, 23/02/1967, Cad. B, p. 6); a abertura do *Clube do Sexo* em Utrecht, Holanda, com duas conferências mensais com “especialistas em educação, para esclarecer os jovens...” (Coluna de Léa Maria, Marina Colasanti e Carlos Leonan, *JB*, 21/10/1967, Cad. B, p. 3); os bailes de carnaval da Boate Elite, no Centro do Rio, “frequentados quase que exclusivamente por homossexuais, em sua maioria jovens

entre 18, 23 e 24 anos, que se divertem gloriosamente, sem maiores excessos, sem brigas e sem escândalos para o público” (*JB*, 17/10/1967, Cartas dos Leitores, 1º Cad., p. 6); como a Suécia trata a questão sexual – “A União Nacional para a Igualdade Sexual agrupa os homossexuais, homens e mulheres” e defende ponto de vista bastante avançado (“Uma revolução de base”, *JB*, 31/07/1966, Cad. B, s/n.).

Remom Bortolozzi afirma que em fins da década de 1960 “começou a ser noticiada a nova onda cultural chamada ‘gay power’” (BORTOLOZZI, 2021, p. 67). Pesquisa na Biblioteca Nacional retornou com a notícia de que a revista *Time*, em reportagem sobre o “hoje conhecido como gay power”, afirmava existir “pelo menos 2.500 sócios portadores de carteiras de clubes gay” que desfilaram em Nova York, “pedindo liberdade de ação” (SANDRONI, 1969, p. 7). Para a década de 1970, apareceram, para “gay power”, 300 ocorrências, em 237 periódicos. Além da cultura homossexual há notícias sobre ativismo internacional (ex.: *Correio da Manhã*, 07/06/72, 1º Cad., p. 7; 22/11/72, p. 1).

Também destacam-se os lançamentos de livros e a encenação de peças, face a popularidade alcançada: o livro *As cidades da noite* (*City of Night*), de John Rechy, mostrando “como vivem isoladamente ou em grupo, os homossexuais nas principais cidades dos Estados Unidos”, figura entre os *best-sellers* estrangeiros em seis dias de março de 1965 (*JB*, 10, 11, 12, 14, 16, 17 e 18/03/1965, Cad. B, p. 7, 9, 11); o lançamento da segunda edição de *Homossexualismo e delinquência*, de Luís Ângelo Dourado, pela Zahar – “a primeira edição [de 1963] esgotou-se em poucos meses” (*JB*, 07/07/1967, Cad. B, p. 3); as repercussões, na Inglaterra, do romance estadunidense *The Naked Lunch*, de William Burroughs, em coluna de Fernando Sabino (*JB*, 18/03/1965, Cad. B, p. 4 e repetida em 07/06/1966, Cad. B, p. 4); o lançamento de *Giovanni*, de James Baldwin, com *orelha* de Paulo Francis, pelo *Jornal do Brasil* em 27 de julho de 1967 (Cad. B, p. 2) – “uma história de homossexuais, na qual o autor penetra a fundo nas intimidades do homem”. Bem recebido, no ano seguinte saiu a segunda edição e integrou a Biblioteca do Leitor Moderno (vol. 89), da Civilização Brasileira; a peça *Queridinho*, do inglês Charles Dyer, no Teatro Princesa Isabel, com Sérgio Viotti e

Jardel Filho, representando barbeiros homossexuais, mereceu récita especial, na abertura dos prêmios Molière. Ficou longo tempo em cartaz, anunciada desde os ensaios (*JB*, 08/06/1967, Cad. B, p. 4), “atraindo uma plateia diária quase que exclusivamente masculina” (Léa Maria, “Plateia Pitoresca”, *JB*, 06/07/1967, Cad. B, p. 3) e, em 11 de julho de 1967 (*JB*, Cad. B, p. 2), recebendo alentado comentário de Yan Michalski, crítico de teatro. Até 16 de outubro de 1967 está nos *tijolinhos* da programação teatral, com sessões de quarta a domingo.

Os protagonistas da imprensa artesanal gay decerto acessaram várias dessas informações, sendo por elas influenciados de maneiras distintas⁷.

O campo e o ativismo na imprensa artesanal gay brasileira

Em fevereiro de 1969, Waldeílton di Paula lança o jornal *Baby*. O editorial (p. 2, n. 1) utiliza a metáfora do bebê e atribui à inexperiência a reconfiguração da proposta de ser “como um lampião iluminando os caminhos”: afirma-se “como um vaga-lume”. A denotar introjeção da visão desacreditada, verificável em diversos desses atores (GOFFMAN, 1999, p. 41). Irmanado, pede “a bênção” às demais publicações e conclui: “O objetivo da vida é o desenvolvimento da própria personalidade”. Na página 6, comentário da reportagem de *Veja* sobre a organização dos homossexuais na Holanda; no pé da página, legenda em caixa-alta novamente fala da interação entre esses coletivos. Na página 4, registro de valorização da subcultura, com uma tipologia prestigiosa dos modos de ser “boneca”. Trechos de obras de Wilde pontuam a publicação.

Na página 5, o texto “O que é o homem afinal?”, assinado por “Tossa”, traz críticas à masculinidade hegemônica, o que ganhará foro acadêmico apenas três décadas após. Problematiza os seus modos de atribuição de sentido, a estruturação social marcada pela dupla moral; destaca sua construção cultural, a violência intrínseca e a autodisciplina para a sua manutenção. Essa “paciente auto-vigilância”, denunciada

⁷ *Baby* cita a organização dos homossexuais na Holanda, como veremos adiante. A travesti Daniele, entrevistada em 1972, quando da tentativa de realização do congresso em Caruaru (PE), mostra-se consciente e informada, citando livros e formulando uma agenda de reivindicações (AUTOR, 2012).

como inerente à construção da masculinidade, também presente na gestão da imagem pública, no aprendizado do onde e como ocultar os traços desacreditados da homossexualidade (GOFFMAN, 1989, 1999).

A frequência no esforço de reproduzir o modelo hegemônico levou estudiosos a pontificar sobre a existência de uma categoria diferenciada, os “invertidos” ou “terceiro sexo” (BARBO, 2017, p. 72-78). Apresentada e recepcionada como científica, influenciava a autopercepção desses agentes, retroalimentando a sua “verdade”. O que pode ser visto, entre outros, no nome do terceiro boletim publicado pela Turma OK, o *Terceira Força*, de 1963 (COSTA, 2010).

Quatro meses após o texto de Tossa, Hélio Fonseca, que, com Agildo Guimarães e Anuah Farah, editava o *Snob* (1963-1969), em sua última edição mostra-se tocado pelas discussões sobre os modos de ser homossexual – troca o pseudônimo feminino (Pantera Rosa) para Gato Preto, problematiza a estruturação sexual e o estilo afeminado e vê as paródias como desqualificadoras (FONSECA, 1969, p. 16). Esse processo se dá, nesses periódicos, desde meados de 1963, intensificando-se a partir de 1965. E pode ser verificado em *Snob, Baby, Gente Gay, Aliança dos Ativistas Homossexuais...* Parte do desenvolvimento da consciência política, é observável também por meio das transcrições realizadas por Costa de trechos do número 1 de *Snob*, constantes da edição retrospectiva de 1969:

A fase é de politizar culturalmente. [...] o que nos leva a todos nessa projeção é um ideal comum de humanos a mostrar que nos insurgimos contra uma marginalização que procuram nos impor [...] (*Snob*, nº 1, 1969 [1963] *apud* Costa, 2010, p. 48); [...] haveremos despertado da terrível ilusão em que vivíamos, para uma realidade adulta interplanetária: não temos nada que ver com quem queira viver com o mesmo pensamento de há vinte anos” (*Snob*, nº 2, 1969 [1963], *apud* Costa, 2010, p. 60; 55-74, 119); [...] não aceitarmos mais o homossexualismo como uma caricatura do feminino, porque estamos conscientes que isto não passa de uma falta de informações e a necessidade de uma melhor conscientização (*sic. Snob*, n. 2, 1969 [1963] *apud* COSTA, 2010, p. 73).

Em março de 1969, o AI-5 em vigor, Agildo Guimarães publicou texto no mesmo *Snob*, intitulado “Protesto”, imaginando uma manifestação massiva em Brasília,

pelos “direitos civis da boneca brasileira” (FIGARI, 2007, p. 407-408). MacRae (2018, p. 137-139) e Green (2000, p. 306-307) comentaram essas transformações. Entretanto, não reconhecem esse processo como integrante do Movimento Homossexual. Os pesquisadores seguintes repetiram esse posicionamento.

Waldeílton di Paula, em fins de 1970, em entrevista a Peter Fry, parecia não se recordar dessas problematizações e mudanças (Di Paula *apud* FRY, 1978, p. 4). Outro que também parecia não se recordar é Agildo Guimarães, entrevistado por James Green, em 1994 (Guimarães, 1994 *apud* GREEN, 2000, p. 426 e 446, nota 109). Os pesquisadores, contudo, não discutiram esses aspectos – que aponto como fruto da visão inferiorizada desses protagonistas sobre suas ações. Ao contrário, concordaram e a repetiram.

Fredirico Jorge Dantas e Agildo Guimarães têm o seu trabalho nesses periódicos reconhecido pelo *Lampião* nos números zero e um. No um, na resposta à carta de Guimarães, elogiando a edição e dizendo-se contemplado (era o jornal que desejava produzir), *Lampião* responde reconhecendo nos periódicos de Guimarães as condições de possibilidade para o seu surgimento e fala do interesse de tê-lo, de vez em quando, participando de *Lampião*, o que não ocorreu (GUIMARÃES, 1978, p. 14). Guimarães, junto com Anuah Farah, foi entrevistado apenas no número 28, em 1980, por Leila Míccolis e “Marcelo, do Auê” e não por jornalistas profissionais, como era usual (MÍCCOLIS, 1980, p. 6). Míccolis destaca o reconhecimento obtido por Guimarães nas redes dessa imprensa. Anuah, parceiro de iniciativas, o vê como “líder nacional”, “mito” e idealizador da Associação Brasileira de Imprensa Gay, a ABIG, mencionada por MacRae (2018, p. 139).

Os textos de Fredirico Jorge Dantas (no *Gente Gay*, 1976 e no *Aliança de Ativistas Homossexuais*, 1977, editado por ele) também documentam a construção da consciência política. A importância desse personagem infere-se, ainda, ao modo de figurar no número zero do *Lampião* (n. 0, abr. 1978, p. 5) e em suas conexões com o movimento internacional (INSAUSTI; FERNÁNDEZ GALEANO, 2020). Mas ele não é citado por nenhum dos que estabeleceram a ideia desqualificadora sobre a imprensa

artesanal gay; esses periódicos não aparecem na lista elaborada por Green (2000, p. 325, nota 115).

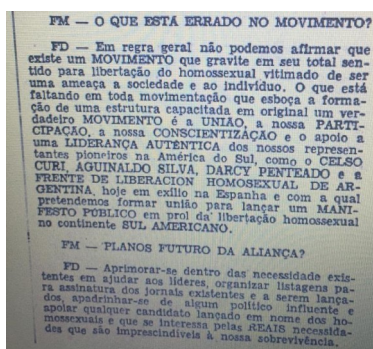
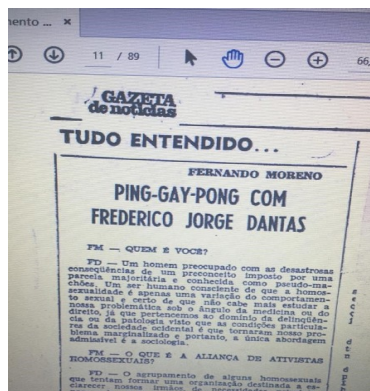
Posicionado em página ímpar e ocupando coluna e meia, sob o título “Qual é a da nossa imprensa?”, o texto sobre as atividades de Fredirico se segue a breve apresentação sua. Ele é retratado como “a primeira pessoa a tentar impor um novo conceito à chamada ‘imprensa homossexual’ – até aqui limitada a um pastiche do colonismo social exercido na grande imprensa”, encontrando “barreiras praticamente intransponíveis, quase todas erguidas pelas pessoas a quem ele dirigia o seu boletim, *Eros*” (*Lampião*, n. 0, abr. 1978, p. 5). Mas não se informa sua idade, estado onde atua, profissão... Dos seus periódicos, apenas um deles é citado: *Eros*, com 150 leitores, produzido “dentro de um padrão ainda informal”, sem menção à data ou ao processo de produção.

Curiosamente, o boletim da *Aliança de Ativistas Homossexuais* não é mencionado por Dantas, o seu próprio editor, nesse texto do número zero de *Lampião*. A Aliança aparece, na imprensa, por meio de cartas assinadas, como um grupo, não como periódico. É citada na *Manchete*, ed. 1328, de 01/10/1977, p. 138, seção de cartas, comentando a matéria “São Paulo – os acordes da liberação gay” (“A reportagem desta revista sobrepõe-se às publicadas ultimamente, que apenas relatam, sem aprofundar, a questão”). Primeira de três cartas sobre a matéria publicadas na coluna, vai assinada por “L. Santos, da Aliança de Ativistas Homossexuais – Rio de Janeiro. RJ”. E, na revista *Isto É* de 05/10/1977, Luiz Morando localizou uma carta, assinada apenas como Aliança dos Ativistas Homossexuais, parabenizando a publicação da entrevista com Winston Leyland, no número 39, de 21/09/1977, p. 60-1, realizada por Eline Munerato e Myriam Campello, pois ela “poderá dar aos leitores da revista uma outra imagem dos homossexuais que, até agora, têm sido marginalizados, sem oportunidade de se mostrar como realmente são [...]” (*Isto É*, n. 41, 05/10/1977, p. 76).

No Fundo da Turma OK, no AEL/Unicamp, entre os recortes de jornais, consta a entrevista de Fredirico para o jornalista Fernando Moreno, em sua coluna Tudo entendido, no *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro (lamentavelmente do documento

deixou de constar a data e a página da publicação e no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional o ano de 1970 desse periódico ainda não está digitalizado). Por ela é sabe-se que a Aliança “é um grupamento de alguns homossexuais que tentam formar uma organização destinada a esclarecer nossos irmãos, de necessidades primárias para a busca de uma identidade própria (...)”. À pergunta “O que está errado no movimento”, Fredirico responde: “Em regra geral não podemos afirmar que existe um movimento que grave em seu total sentido para libertação do homossexual vitimado de ser uma ameaça a (sic) sociedade e ao indivíduo.” Em seguida, acrescenta o que falta, em sua percepção

em toda movimentação que esboça a formação de uma estrutura capacitada em original um verdadeiro movimento é a união, a nossa participação, a nossa conscientização e o apoio a uma liderança autêntica dos nossos representantes pioneiros na América do Sul, como Celso Curi, Aginaldo Silva, Darcy Penteado e a Frente de Liberación Homossexual de Argentina, hoje em exílio na Espanha e com a qual pretendemos formar união para lançar um manifesto público em prol da libertação homossexual no continente sul americano (MORENO, s/d).



Já no *Gente Gay*, possivelmente de agosto de 1977 (o arquivo, no AEL/Unicamp, não possui página com a data), seção Cartas na mesa, temos a transcrição da correspondência de Frederico, de julho de 1977, página 13, dizendo que o Aliança (coletivo) encontra-se “ainda em formação e que vai se manter por uns tempos na clandestinidade por motivos óbvios”. Depreende-se, assim, que essa ideia de se manter na clandestinidade não durou muito.

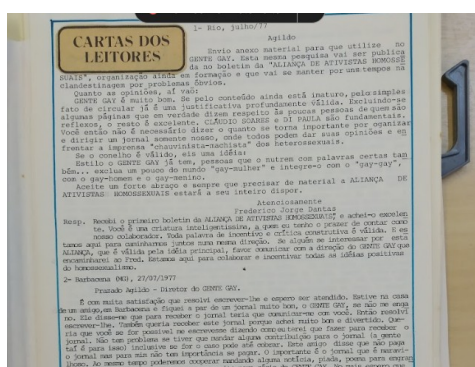


Figura 3: Parte da p. 13 do *Gente Gay*, 1977 (c. agosto). Acervo AEL/Unicamp.

Na carta “Gay power 2”, assinada por Manoel Messias Bacco, “professor e psicanalista”, citado por Miccolis em seu *Catálogo* como “consultor científico” do *Entender*, ele informa que, há 25 anos, tem procurado atender somente homossexuais (MÍCCOLIS, 1980, p. 7; 1986, p. 37; *Manchete*, ed. 1328, de 01/10/1977, p. 138). Isso lhe possibilitou intercâmbio com várias organizações internacionais, dotando-lhe de conhecimento do tema em âmbito mundial. Em decorrência, criou o Círculo Corydon, que “trabalha em silêncio, em busca de uma conscientização dos problemas dos homossexuais. Corydon tem o apoio moral da Comunidade Orgulho Gay, de Porto Rico, da Mathachine (*sic*) Society e dos Gay News, de Londres” e é “filiado à International

Gay List”. O Círculo Corydon⁸ publicou o periódico *Jornal do Gay* – noticiário do mundo entendido, em 1978 (n. 2, 1978, publicação mensal, Acervo AEL/Unicamp). Tanto Fredirico quanto Bacco, como se vê, ao tempo em que afirmam adotar uma estratégia de discrição/clandestinidade, fazem questão de ocupar o espaço público, por meio da imprensa comercial, marcando a presença possível no momento.

Se o texto de Fredirico no *Lampião* não fala do *Aliança*, igual não se dá com o seu projeto político: “abrir espaços destinados a pessoas que se irmanem no sentido de formar uma pequena escola, visando com isto à formação de um grupo consciente e interessado no que mais tarde poderá vir a ser o Movimento de Libertação Homossexual”. Ele contrapõe “a bicha atual” a “um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual” e propõe que “a nova geração de homossexuais” atue para construir “um modelo de identidade a ser aceito pela sociedade”, deixando o estilo “deslumbradas”⁹. Fala das antagonizações à sua proposta, lidas como falta de “irmandade e auxílio mútuo” necessários à luta, para ele. Mas as entende como parte do processo, “reflexo exato” do momento histórico. Entretanto, nele não integra o colunismo social, as ações pautadas no humor, na paródia do feminino glamuroso, no estilo afeminado. Não os percebe como parte da subcultura, da formação da identidade coletiva, proteção contra a atomização, o desenraizamento. Das ações embrionárias (as colunas em jornais, os livros de Aguinaldo Silva e Paulo Augusto abordando o tema, a postura pública de Darcy Penteado, o *Gente Gay*, o *Aliança*), ora as percebe enquanto constituintes do movimento pela “liberação homossexual”, ora não (*Aliança*, n. 3, p. 3, 1977 e *Lampião*, n. zero, abril de 1978, p. 5).

Fredirico morava na rua Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. Flamenguista, além da militância homossexual, gostava de enviar cartas ao *Jornal dos Sports*, discutindo futebol. Nas páginas do *Aliança*, datilografado em papel A-4, frente, contendo de oito a onze páginas (n. 2 e 3, s/ data), veem-se comentários sobre livros, a homossexualidade perante os discursos especialistas, o movimento nos Estados Unidos e Inglaterra.

⁸ Para mais informações sobre Corydon, ver BORTOLOZZI, 2021, p. 68-85.

⁹ Vários grupos estrangeiros são assimilacionistas. Ex.: Filhas de Bilitis (1955), Mattachine Society, com sua guinada conservadora após 1953 (SILVA, 2008, p. 130-142). E, na França, a *Arcadie*.

Divulga *Gente Gay e Entender*; elogia o trabalho de Celso Curi (Coluna do Meio), Glorinha Pereira (*Correio de Copacabana*), Agildo Guimarães (*Gente Gay*), Darcy Penteado (citado como “a Catedral de esclarecimentos[,] com sua força e lealdade para com nossos problemas”), Aguinaldo Silva, Paulo Augusto (*Aliança...*, ano 1, n. 3, p. 3).

Ali temos:

Iniciamos um Movimento de esclarecimento que tem como meta o melhor entendimento e aproveitamento de todo esse manancial de forças positivas, até agora mal distribuídas entre as várias classes de homossexuais. Se conseguirmos canalizar todo o esforço existente voltado no sentido de um compromisso maior e mais responsável para com a sociedade, acreditamos já ser isto de grande importância à nossa causa, especialmente na luta pelos direitos civis em que estão empenhados não somente os homossexuais brasileiros, mas de maneira ainda mais atuante, os homossexuais de todos os países onde a consciência humana já tem maior abertura, mais maturidade cultural e psicológica, como também maior desenvolvimento. (*Aliança...*, ano 1, n. 2, p. 2)

Em nosso movimento nos dirigimos aos homossexuais que são adeptos do comportamento normal em nosso cotidiano. Os travestis e os transexuais diferem totalmente de nosso ‘modus vivendi’ e por justa razão não os incluímos em nossas pesquisas. (*Aliança...*, ano 1, n. 2, p. 4)

O homossexual praticamente não tem adolescência[,] fase (*sic*) ao seu problema de aceitação [...]

Por tal problema eu pergunto – Não temos a necessidade de ir adiante em nossa luta? Não temos também de pensar nas gerações homossexuais de amanhã? Elas, forçosamente, terão de encontrar algumas bases edificadas para suas aspirações, e estas bases nós teremos de construí-las, de elaborá-las, mesmo sem esperança de usufruir-mos (*sic*) de seus resultados. É um dever de honra participar e promover esta campanha pelos nossos direitos, pela nossa própria sobrevivência como seres humanos. [...] (*Aliança...*, ano 1, n. 4, p. 1)

A presença de Fredirico no número zero de *Lampião* espelha, além das disputas de identidade e da estruturação das práticas sexuais, a de projetos para o ativismo, para a imprensa homossexual e para o próprio *Lampião*. Elas reaparecem no número 2 (jun.-jul. 1978), na seção de cartas, à página 14, onde José Alcides Ferreira responde a Fredirico. Alcides cita como extintos o *Mundo Gay*, *Entender* e *Gente Gay*, critica os roteiros, o columnismo social, tem restrições às afeminadas e travestis, pontos em comum com Fredirico e o *Aliança*. Para Alcides, embora *Gente Gay* trouxesse “animação” à

subcultura, errou por trazer e buscar apoio das bichas e travestis. Ele, como Fredirico, não incorpora as bichas e as travestis; para Alcides, elas formariam “a bichórdia”, ou seja, as párias entre os párias, enquanto eles outros seriam as “mariconas, ou seja, nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos”. Para Alcides, as redes em torno desses periódicos se constituía numa “camarilha machista que só consegue se impor através do ridículo, da vulgaridade e do **beautiful people** indigesto do Sr. Anuar Farah e Cia. Ltda” (negritos no original. Nome da coluna de Anuah).

Fry, respondendo a Alcides, defende as iniciativas de Di Paula e destaca que sociedades machistas tendem a reproduzi-lo nas suas produções culturais. E ressalta que a divisão “entre **bichas** e **homens** diz muito a respeito da dominação dos homens sobre as mulheres na cama e na vida cotidiana”. O antropólogo denuncia o preconceito e a desqualificação cruel do trabalho “de um verdadeiro pioneiro como Waldeílton di Paula, responsável pelos jornais **Fotos e Fofocas**, **Baby**, **Zéfiro**, **Little Darling** e **Ello** ao longo dos últimos 16 anos”¹⁰ (*Lampião*, n. 4, ago.-set. 1978, p. 4, negritos no original). Ele comenta a riqueza de dados sobre a subcultura, acumulada naqueles boletins, examinados na residência do seu editor, e destaca a sua importância para a própria “libertação” dos homossexuais. Ele observa, ainda, que as transformações nos periódicos produzidos por Di Paula desde 1962 espelham as mudanças na subcultura que “levaram à possibilidade de se lançar LAMPIÃO”. Peter chama atenção, portanto, para o caráter processual das mudanças e o quanto tributário é *Lampião* dessas experiências anteriores – aspectos que a literatura acadêmica parece ter desconsiderado.

Coeditor de *Lampião*, Fry situa Di Paula: bancário, nasceu em 1942, em Alagoinhas, cidade a 108 quilômetros de Salvador, para onde foi aos 13 anos de idade. No número 3 do *Gente Gay*, Bianca Marie (Anuah Farah) traz mais informações sobre ele (15/02/1977, p. 15-16): poeta e cronista premiado, ator de teatro, cenógrafo, autor e

¹⁰ Na entrevista feita por Leila Miccolis com Anuah Farah e Agildo Guimarães, o nome do jornal soteropolitano aparece como *Fatos e Fofocas* (MÍCCOLIS, 1980, p. 6-7). No número 3 do *Gente Gay* (15 fev. 1977, p. 15), porém, é citado como *Fotos e Fofocas*.

diretor; artista plástico com várias exposições, individuais e coletivas, com “quadros em pinacotecas internacionais” e tendo participado de duas bienais regionais em Salvador, entre outras atividades. Além dos boletins citados, Di Paula também editou *Top Less*, *O Coruja* e *Pimentinha*, presumivelmente dirigidos a bancários, e apresentou, por um ano (1967), o programa Clube dos Cronistas, na rádio Bahia.

Fry sublinha o cerceamento que a estigmatização opera sobre os modos de viver, fazendo mais importantes os vínculos construídos nessas redes, que se constituíam a partir de eventos semelhantes aos achados por Fábio Barbosa da Silva (2005) para o coletivo de classe média e intelectual da década de 1950 em São Paulo e aos de Green (2000, Costa (2010) e Soliva (2012) para os de classe média do Rio de Janeiro, nos apartamentos de alguns dos integrantes ou mesmo ao ar livre. Em Salvador, Waldeilton menciona a existência de alguns coletivos bastante fechados e nem todos produtores de boletins, dos quais apenas cita os nomes – “tais como os VIDs (Very Important Dolls), Carimbós e os Intocáveis” –, sem referir em torno de qual ou quais vetores de identificação estavam organizados.

Peter descreve o primeiro periódico produzido por Waldeilton: *Fotos e Fofocas* (1962), um mural de exemplar único, quinzenal, com desenhos em lápis de cor feitos por Di Paula e por eles chamados de fotos. Bem aceito, Di Paula passou para o formato de jornal. O modo de retratar os membros da turma se assemelhava ao do *Snob* (MÍCCOLIS, 1980; COSTA, 2010; GREEN, 2000). *Fotos e Fofocas* durou até 1967, substituído por *Zéfiro*, datilografado. Em 1969, Di Paula criou o *Baby*, também datilografado, com cinquenta exemplares, fotocopiados. Em 1970, veio o *Little Darling*, depois chamado *Ello*. Para Di Paula, *Ello* era “bastante profissional”: tiragem de cem exemplares e maior diversidade temática (fofocas, críticas de teatro e cinema, informações sobre “o mundo artístico”, informes gerais e notícias da subcultura além Bahia, carioca e do exterior; e sobre as primeiras experiências sexuais dos leitores). O intercâmbio segue, através do *Little Darling* e *Tiraninho* (de Orlando Andrade), como demonstram as visitas recíprocas e as colunas sociais: *Little Darling* traz notícias da subcultura carioca e *Gente Gay* apresenta “Bahia Gay”, assinada por Di Paula. Além do

trabalho de conscientização, eles precisavam manter e ampliar os leitores que, segundo Guimarães, estariam majoritariamente interessados “em coisas mais digestivas” (*Gente Gay*, 31/01/1977, n. 2, p. 13).

No número oito do *Gente Gay* (30/07/1977), a página 12 traz “A batalha pelos direitos gay” (*sic*), tradução de reportagem da revista *Newsweek*, de 6 de junho do mesmo ano, efetuada por José Rodrigues; e na página 13, “Comportamento homossexual”, de Fredirico Jorge Dantas. O primeiro ocupa toda a página, sem imagens, em espaço um e *pitch* 12 (condensado) e traz algumas das conquistas do movimento gay estadunidense.

O texto de Fredirico ocupa as páginas 13-15, também em espaço um, mas com *pitch* 10. É um manifesto pela luta contra o preconceito e a discriminação. Atualiza as visões da Psicologia, Psicanálise e Medicina estadunidenses, citando autores (inclusive Freud), trabalhos e instituições com visões integrativas, sem a anterior noção de enfermidade; menciona organizações do movimento gay estadunidense, como Albany Trust e a Frente de Liberação Gay; e conclama: “É hora de se ir para as ruas e lutar em prol de nossos ideais [...] Vamos emergir das cinzas que nos jogaram por tanto tempo” (DANTAS, 1977, p. 13-15).

O jornal *Entender*, de São Paulo, cujo número cinco, de dezembro de 1977, é mencionado por Leila Míccolis, no seu *Catálogo de imprensa alternativa* (1986), como editado por J.R.M. e tendo por “consultor científico” Messias Bacco, é citado pelo jornalista José Saffioti Filho, em reportagem sobre o movimento gay.¹¹ Publicada na revista *Manchete* de 01/09/1977 – antes, portanto do lançamento de *Lampião* –, ali ele aparece como editado pelo jornalista José Mauro de Moura, casado e “com tiragem inicial de 5 mil exemplares, exclusivamente para assinantes e anunciantes **entendidos**” (negrito do original). Foi “lançado numa festa regada a champanha num dos guetos gay de São Paulo”, presumivelmente em agosto. Traz artigos sobre Roman Polanski e Ney Matogrosso, “doença venérea, horóscopo e o depoimento de um homossexual casado”.

¹¹ Em 1980, Míccolis cita Fredirico como responsável por *Eros e Aliança*. Green não menciona nenhum dos três (MÍCCOLIS, 1980, p. 7; 1986, p. 37; GREEN, 2000, nota 115, p. 325).

Seu primeiro número, cuja edição teria se esgotado totalmente, propôs a “confraternização” entre todos os distintos segmentos homófilos, independentemente de classe, posição e estilo. Para Moura, trata-se de “um grande achado comercial por ser o primeiro jornal da imprensa nanica nesta área”, o que, segundo o autor da reportagem, se confirmaria pela quantidade de anúncios que o periódico exhibe. Fredirico Jorge Dantas, em seu texto no número zero de *Lampião* (abril de 1977), diz que ele já é extinto e registra que o seu lançamento provocou “um sério colapso na estrutura daqueles ‘cadernos’ onde a pauta central é o ‘colunismo social’, ao mesmo tempo que gerou um estado de esperança nos que cogitam a realidade de uma homossexualidade despida do fetichismo sexual que ainda é a razão da nossa existência para os menos esclarecidos” (DANTAS, 1977, p. 5).

Darcy Penteado, paulista de São Roque, na região metropolitana de Sorocaba, nascido em 1926, desde aproximadamente 1944 atuava profissionalmente no campo das artes visuais (artista plástico, desenhista, cenógrafo e escritor). Através de informações do pesquisador Luiz Morando, infere-se que ele (e o seu companheiro de então, o também artista plástico e poeta Reynaldo Bairão), possivelmente integrou o grupo analisado por José Fábio Barbosa da Silva em fins dos 1950, vez que era amigo de José Fábio Barbosa da Silva e do companheiro deste, o também artista plástico Paulo Becker (MORANDO, 2023). Darcy foi cofundador do *Lampião da Esquina*, integrou o Somos/SP e sua cisão, o Grupo Outra Coisa, a partir do qual destacou-se na luta contra

a pandemia do HIV-Aids, ainda nos seus anos iniciais. Ali coproduziu um dos primeiros (senão o primeiro) cartazes voltado para a conscientização sobre o vírus, visando romper com a onda de satanização das práticas sexuais entre homens – “Transe numa boa” (*Manchete*, 1737, 03/08/1985, p. 103). Penteado é referido pela revista *Manchete*, em setembro de 1977 – antes, portanto, do lançamento do *Lampião* – como liderança do movimento gay (*Manchete*, ed. 1325, 10/09/1977, p. 88-93). Em texto publicado no *Lampião*, em dezembro de 1979, Darcy reconhece que “não se pode dissociar o fenômeno social do político” (PENTEADO, 1979, p. 9) e que todas as manifestações, as mais simples e triviais, integram a cultura. E mais perto do final, na última coluna, reitera:

Assim sendo, tanto contribuirão para uma cultura homossexual o ensaísta conscientizado [como] o artista que retrate aspectos desse cotidiano (*sic*), o entendido que não pretenda criar nada[,] mas que viva sua sexualidade cotidianamente, a bicha louca que dá **shows** na rua, a sapatona que distribui sopapos, o travesti-prostituto que leva porrada da polícia etc. etc... (PENTEADO, 1979, p. 9).

Jorge Caê Rodrigues transcreve trechos desse ensaio (*apud* RODRIGUES, 2010, p. 69), que tem por título “Cultura homossexual: já existe?”. Inclusive a primeira parte em que Darcy expressa a visão ampliada de cultura (segundo parágrafo da segunda coluna). Mas não transcreve ou cita a parte onde Darcy recorda a indissociabilidade entre o fenômeno social e o político (primeiro parágrafo, primeira coluna).

Nesse texto, Penteado chama a atenção para o caráter de processo da luta por direitos empreendida pelos setores descapitalizados (ditos “minoritários”): resulta da conscientização, que se desenvolve em duas esferas, individual e coletiva, e por meio da qual o “indivíduo minoritário” se percebe possuidor de direitos. Mais adiante, na última coluna do texto, respondendo a pergunta que se formula, sobre como “caminhar com nossos próprios passos e pelos nossos próprios caminhos”, ele diz:

[...] Tanto contribuirão para uma cultura homossexual o ensaísta conscientizado, [como] o artista que retrate aspectos desse cotidiano (*sic*), o entendido que não pretenda criar nada[,] mas que viva sua sexualidade cotidianamente, a bicha louca que dá **shows** na rua, a sapatona que distribui sopapos, o travesti-prostituto que leva porrada

da polícia etc. etc... (PENTEADO, 1979, p. 9).

A percepção de Penteado sobre a importância da subcultura e da sociabilidade é compartilhada por vários editores e colaboradores das publicações artesanais brasileiras, bem como entre (alguns) dos editores de *Lampião* e pesquisadores. Dela comungam, por exemplo, os autores trazidos por Jorge Caê Rodrigues para subsidiar sua análise sobre os primeiros periódicos gays nos Estados Unidos, inclusive os artesanais. Mas Caê não lê da mesma maneira as experiências semelhantes verificadas no Brasil.

A imprensa internacional, o peso da estigmatização e as leituras diferenciadas

Arcadie Revue Littéraire et Scientifique, foi uma revista francesa impressa industrialmente, criada em 1954 com o grupo de mesmo nome, por André Baudry. Legalizada, com a média de 65 páginas de texto e raros desenhos, algumas propagandas e mancha gráfica de 16,5 x 9,5 cm., trazia, usualmente em seus números, textos sobre psicologia, psicanálise, sexologia, além dos enfoques e mudanças nos sistemas legais de diversos países da Europa – o que se reduzirá significativamente em 1959, 1961 e 1962. Ela também publicava relação de “obras científicas e históricas” sobre a homossexualidade. O número 78, de junho de 1961, por exemplo, lista 22 títulos na página 390.

One, revista estadunidense criada em 1952 por membros da Sociedade Mattachine e do Filhas de Bilitis, se definia como “organização cultural, educativa e social” e se anunciava nas páginas da *Arcadie* com “artigos filosóficos e científicos, histórias, poemas, ilustrações” (*Arcadie*, abr. 1960, n. 76, p. 262). *Mattachine Review*, outro periódico homossexual estadunidense anunciado na *Arcadie*, fundado em 1955, seguia padrão semelhante: “apresenta todos os problemas humanos e particularmente o da homofilia, sob seus aspectos legal, médico, social, religioso e cultural” (*Arcadie*, jan. 1961, n. 85, p. 35). Em comum, destacam-se a busca da auto-percepção através dos discursos de especialistas e o viés majoritariamente assimilacionista. Veremos a produção estadunidense mais em detalhe, adiante, através do trabalho de Jorge Caê

Rodrigues.

Após citar a experiência pioneira do artesanal *Vice-Versa*, um jornal datilografado, com tiragem de doze exemplares copiados a carbono, feito em 1947 na Califórnia por uma “jovem secretária” que assinava Lisa Ben (anagrama de *lesbian*), Rodrigues escreve: “Streitmatter e d’Emilio falam da importância dos primeiros periódicos para a vida dos gays e das lésbicas: ‘O feito mais importante foi que as revistas, de fato, falavam. Criavam um espaço nacional [...], uma arena na qual lésbicas e gays poderiam, pela primeira vez, falar um tom acima de um sussurro...’” E, em seguida, Rodrigues complementa: “D’Emilio atesta que ‘este esforço pioneiro de publicar revistas sobre a homossexualidade trouxe ao movimento gay [estadunidense] sua única vitória significativa durante os anos 1950’” (D’EMILIO; STREITMATTER *apud* RODRIGUES, 2010, p. 26).

Dos periódicos estrangeiros da década de 1960 que examina, “impressos de forma industrial”, Caê destaca, entre os ativistas estadunidenses, a culpa internalizada. E registra que o periódico da Mattachine Society (*Mattachine Review*) buscava “soluções” para os “problemas” decorrentes da homossexualidade através da “medicina e/ou [d]a lei” (RODRIGUES, 2010, p. 27). Já a revista *One*, mensal, impressa em *offset*, é “sofisticada” e de grande circulação, “marco principal da imprensa gay nos Estados Unidos”. Além dos “ensaios pessoais” que “dominavam a [sua] linha editorial”, “descrições de projetos de pesquisa pertinentes à comunidade gay e lésbica” e “artigos sobre a homossexualidade”, também trazia “lista de livros recentemente publicados e cartas do leitor” (RODRIGUES, 2010, p. 28).

Ainda na década de 1960, segundo ele, surgiu a “segunda fase” desses periódicos, da qual destaca a revista *Vector*, mensal, fundada pela Sociedade para os Direitos Individuais, circulando de dezembro de 1964 a 1976. Em seu segundo ano, ela se apresenta mais profissional, a duas cores, em papel *couché*. Trazia “notícias sobre o progresso dos direitos dos gays”, “entretenimento e fofoca, para garantir um apelo amplo” (grifei). Também um “guia gay completo” (novembro de 1970) e, a partir de 1969, fotos de nu frontal.

Para Rodrigues (2010, p. 31), “a *Vector* expande o conceito de militância gay” ao entender que “qualquer evento que envolva abertamente a comunidade homossexual é uma ação social. Em outras palavras, a dança, a ida ao teatro ou ao boliche, os bares, os passeios nos parques públicos servem como declaração política”. E pontua a necessidade de agradar o leitor, presente em suas páginas, ilustrando com um trecho do editorial de novembro de 1970, onde o editor aborda a dificuldade na determinação dos temas de interesse para o leitor, enquanto coletivamente considerado. A opção foi “dar alguma coisa para cada um” – isto é, trazer conteúdo diversificado, vez que o único elemento de união era a homossexualidade. Seus editores capitalizavam o fato de ser uma revista “feita para e por homossexuais” (RODRIGUES, 2010, p. 32). *Vector* trazia fotos de seus leitores em eventos sociais da comunidade, matérias sobre sua “vida cotidiana” e também se socorria dos discursos de especialistas – “Homossexualidade como crime” (jan. 1965); “São os homossexuais doentes?” (jan. 1969) e “Transsexual” (set. 1975). Para Rodrigues (2010, p.32), isso significava a preocupação da revista em “mapear os interesses pessoais e coletivos da comunidade”. Rodrigues observa que alguns dos temas apresentados pela *Vector* figurarão em capas do *Lampião da Esquina*, que ele refere como “o primeiro (*sic*) periódico brasileiro”: “São assuntos que habitavam e ainda habitam o imaginário da comunidade gay, não só a americana como a brasileira” (RODRIGUES, 2010, p. 31-32).

Em 1967, surge o *Advocate* (inicialmente *The Los Angeles Advocate*, jornal; em 1975, passa a ser revista quinzenal). Esse periódico exhibe “colunas pessoais, editoria, crítica de filmes e livros, e um calendário de atividades sociais na cidade”. O editorial da edição de lançamento traz a metáfora da criança: “[...] Nascemos. E, como toda criança, somos, e seremos por um tempo, desajeitados, desengonçados” (*The Los Angeles Advocate*, set. 1967, n. 1, p. 6 *apud* RODRIGUES, 2010, p. 48, nota 4; RODRIGUES, 2010, p. 34).

Percebe-se, assim, a pluralidade de pontos em comum entre as experiências editoriais estadunidenses, a maioria produzida industrialmente, descritas por Jorge Rodrigues, e as artesanais brasileiras, aqui examinadas – embora a diferença

sociocultural entre os países: as marcas da incorporação da identidade deteriorada; a preocupação em agradar aos leitores; a luta contra o isolamento e a segregação; a valorização da subcultura (a coluna de fofocas, guias e roteiros gays, a promoção de atividades sociais, os incontáveis atos de conquista coletiva de territórios em espaços públicos); as notícias e comentários sobre teatro, cinema e livros; e a busca por visões dos especialistas, são alguns desses pontos de convergência. Também as reflexões sobre identidade sexual e os processos de desqualificação; o fomento à coesão nos coletivos, como estratégia de proteção social. Até a coincidência na metáfora do recém-nascido, presente no soteropolitano *Baby*, de 1969, e no californiano *Advocate*, de 1967.

No entanto, embora o subtítulo de sua tese (“Histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil”), sobre as experiências da imprensa artesanal brasileira, Rodrigues repete James Green, Edward MacRae (2018) e o ensaio de Marcus Assis Lima (2001, p. 2). Das 209 páginas, em três ele se ocupa das nossas publicações pioneiras: da página 43 (três linhas) à 46 (RODRIGUES, 2007). Do *Snob*, destaca a pequena tiragem e repete a ideia de ser quase totalmente destinado a registrar os eventos sociais do grupo, inclusive indicando locais para paquera e sexo casual. Afirma que “seu pioneirismo e originalidade são muito importantes para analisarmos questões de gênero, a visão política dos editores e leitores e a questão da construção de identidades”, mas não percebe que tais “questões”, à semelhança das experiências estadunidenses, também “expandem o conceito de militância gay” e, junto com a “questão da construção de identidades”, integram o processo de constituição do movimento homossexual (RODRIGUES, 2007, p. 45).

Não tendo pesquisado os periódicos artesanais brasileiros, Rodrigues não pode ver a similaridade com os conteúdos que ele destaca na imprensa gay estadunidense; mesmo nos seus periódicos industrializados e de ampla distribuição. Analisa *Lampião* (que traz várias características dos artesanais, como as fofocas, sátiras, valorização da subcultura, roteiros de lazer e sexo casual, nus masculinos, seções de literatura, cinema, teatro) e posteriores e repete que não havia ativismo político nos artesanais

(RODRIGUES, 2010, p. 50, *passim*). Entretanto, como registra o jornalista Carlos Humberto Ferreira Silva Júnior, as colunas sociais ou de mexericos faziam parte da imprensa empresarial desde 1920, nos Estados Unidos, e a imprensa homossexual mimetizava o jornalismo profissional. A “fofoca” e os “estereótipos usados como xingamento”, nessas publicações, atuam como elementos de coesão, estruturantes da identidade coletiva (SILVA JÚNIOR, 2022, p. 6-10). Por outro lado, a busca pela compreensão da própria diferença através dos discursos de verdade (FOUCAULT, 2002, 2001), está presente tanto nas publicações homófilas internacionais, quanto no *Lampião* e na nossa produção artesanal.

Rodrigues também não atentou para o processo de transformação na estruturação das práticas e na conformação identitária, presente na imprensa artesanal brasileira e apontado por James Green. Como ele, não se deu conta de que tais transformações integram a formação do movimento homossexual brasileiro. Nos precisos termos do reconhecimento conferido pela bibliografia crítica estadunidense em que se apoia e pelo ensaio de Darcy Penteado no *Lampião*, também por ele citado. Trata-se de um modo de olhar a formação do MHB semelhante ao senso comum homossexual, como vimos. Na literatura acadêmica, está presente nos trabalhos de MacRae (2018) e Green (2000) e seguiu repetida, como demonstrei em outro lugar (COLAÇO-RODRIGUES, 2022). Assim, cristalizou-se entre nós essa visão inferiorizante de nossas publicações pioneiras que, entretanto, não foram pesquisadas. Da mesma forma que a noção de movimento social na matriz produtivista (intrínseca ao capitalismo) – isto é, apenas quando a ação social já se encontra estruturada, os agentes com discurso, agenda, projeto e repertório de ações elaborados, a despeito das lições de Maria da Glória Gohn (2008), Michel de Certeau (1995) e E. P. Thompson (2004).

Conclusão

O percurso aqui desenvolvido reiterou, de maneira ampliada, a afirmação de James Green (2000) de que nos anos 1960 a representação da homossexualidade estava

em disputa – na Europa, nos EUA e no Brasil; e que a identidade e a estruturação das práticas homossexuais masculinas, no Brasil, estavam em transformação. Em seguida, foi demonstrado que o ativismo de bichas, travestis, homossexuais e afeminados não esteve presente apenas nas páginas de *Snob* e *Gente Gay*, mas naquela imprensa artesanal de maneira geral, através da qual foram engendrando sua consciência política. E que essas manifestações, assim como as ações efêmeras e as impedidas pelo regime militar, diferentemente do afirmado na Tese (RODRIGUES, 2012), são ações políticas e integram o mesmo processo. Por fim, defendeu-se, com apoio em Maria da Glória Gohn (2008), Michel de Certeau (1995) e E. P. Thompson (2004), que, ao contrário do entendimento esposado pelo brasilianista e por Edward MacRae (2018), e repetido pelos pesquisadores que se seguiram, essas ações fazem parte da formação do Movimento Homossexual brasileiro (COLAÇO-RODRIGUES, 2022).

Aqueles precursores não dispunham de carta náutica ou bússola. Discurso, itinerário e agenda foram sendo construídos no processo, com todas as dúvidas e névoas das ações inaugurais. E sem poder contar com a legitimação de instituição qualquer da sociedade, ao contrário. E, no percurso, primeiro tiveram que superar a abjeção de séculos introjetada – o que exigia esforço singular. Com o país mergulhando num regime ditatorial, numa sociedade que lhes é hipocritamente tolerante, falsamente cordial, violenta, autoritária, de poucos leitores, parca produção editorial, escassa vivência democrática e baixo capital cívico. Leila Míccolis, ex-integrante do Somos/RJ e do Auê, sua dissidência, em ensaio sobre o movimento, destacou esse desafio subjetivo, ilustrado com trecho do manifesto do Somos/SP, publicado no *Lampião* um ano após sua constituição (MÍCCOLIS, 1983, p. 98). O parágrafo, editado em negrito no *Lampião*, dá um pouco a dimensão do desafio histórico:

A coisa não foi fácil. Tivemos uma existência quase clandestina e muito conturbada. Imaginem um bando de pessoas freqüentemente com problemas básicos de aceitação pessoal, tentando encontrar o ponto comum para iniciar um diálogo sobre si mesmas. Tudo bastante dilacerado, de um lado. Muita dúvida porque tudo era novo [...]. De fato, não tínhamos nada pronto, nada de concreto para expor, nenhuma fórmula para mudar o mundo (*Lampião da Esquina*, maio 1979, n. 12, p. 2).

Alguns deles dispunham de maior volume de capital intelectual e social, beneficiados pelo acesso a publicações e o intercâmbio com ativistas internacionais, como a travesti Daniele (RODRIGUES, 2012), Fredirico Jorge Dantas (INSAUSTI; FERNÁNDEZ GALEANO, 2020) e Manoel Messias Bacco (*Manchete*, 1/10/1977, seção de cartas, p. 138). Mas todos tiveram que, primeiro, empreender essa luta radical contra a autoimagem deteriorada – sem programa, discurso, rota ou aliados pré-constituídos. E, a partir e/ou concomitante com ela, dar-lhe curso entre os seus pares. Porém com o horizonte de chegada já claramente manifesto – a “luta pelos direitos civis”, o direito à vida livre de discriminação (*Aliança...*, ano 1, n. 2, p. 2).

Referências

ARCADIE Revue Littéraire et Scientifique, Paris, n. 7-8, juillet-août 1954, ao n. 108, décembre 1962.

BARBO, Daniel. **Cultura política homoerótica**: a Grécia antiga e a (pós) modernidade. 1ª. ed., Curitiba: Prismas, 2017.

BITTENCOURT, Francisco. Discoteca, sauna, clube: um admirável mundo novo? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 1, 25 mai.-25 jun. 1978, p. 5. Disponível em: <https://bit.ly/444r32v>

BOLETIM da **Aliança dos Ativistas Homossexuais**, Rio de Janeiro, n. 2, 3 e 4, 1977.

BORTOLOZZI, Remom Matheus. **Entre trapos e colchas**: vestígios da memória LGBT sobre as primeiras respostas paulistanas à epidemia de HIV/Aids. 2021.Tese. (Doutorado em Ciências) – Programa de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Acesso: 03/05/2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.5.2021.tde-28092021-112410>

CERTEAU, Michel de. **La toma de la palabra** y otros escritos políticos. México, D.F.: Universidad Iberoamericana, 1995.

COLAÇO, Rita. **Uma conversa informal sobre homossexualismo**. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1984.

COLAÇO-RODRIGUES, Rita C. Mitos, categorias e cristais: revisitando os clássicos do movimento homossexual brasileiro. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4540>.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960**: relatos do jornal *O Snob*. [Dissertação] Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, 2010.

DANTAS, Fredirico Jorge. Comportamento homossexual. **Gente Gay**, Rio de Janeiro, n. 8, 30 jul. 1977, p.13-15.

FERREIRA, José Alcides. Pauladas na ‘bixórdia’. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 2, 25 jun.-25 jul. 1978, p. 14. Disponível em; <https://bit.ly/444r32v>

FERREIRA, Vinícius. Por uma história cultural da imprensa homossexual. In: RÊGO, Ana Regina *et al.* (orgs.). **Os desafios da pesquisa em história da comunicação**: entre a historicidade e as lacunas da historiografia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019, p. 405-439.

FIGARI, Carlos. **@s outr@s cariocas**: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX. 1ª. ed., Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora UFMG, IUPERJ, 2007.

FONSECA, Hélio. **Snob**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, mai.-jun. 1969, p. 16.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 8ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7ª. ed., São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FRY, Peter. História da imprensa bahiana. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 4, ago.-set. 1978: 4. Disponível em: <https://bit.ly/444r32v>

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 8ª. ed., Rio de Janeiro: LCT, 1999.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 4ª. ed., Petrópolis: Vozes, 1989.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 7ª. ed., São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GUIMARÃES, Agildo B. Um abraço do “Gente Gay”. **Lampião da Esquina**, Rio de

Janeiro, n. 1, 25 mai-5 jun. 1978, Cartas na mesa, p. 14. Disponível em: <https://bit.ly/444r32v>

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. 1ª. ed., São Paulo: Unesp, 2000.

INSAUSTI, Santiago Joaquín; FERNÁNDEZ GALEANO, Javier. Archivos Digitales Queer: Cartografías Digitales de las Redes Transnacionales LGBTQ en Latinoamérica a través del Archivo de Robert Roth. **Moléculas Malucas** - Archivos y memorias fuera del margen, abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/424abH4>

JORNAL **A Nação**. Santa Catarina, ed. 0233, de 13 mar.1953, p. 4, coluna Ronda da vida.

JORNAL **Baby**, Salvador, n. 1, fev. de 1969.

JORNAL **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 07 jul. 1972, 1º Cad., p. 7; 22 nov. 1972, Anexo, p. 1.

JORNAL do Brasil, Rio de Janeiro, 23 fev. 1964, Cad. B, p. 8; 02 ago. 1964, Cad. B, p. 15; 18 mar. 1965, Cad. B, p. 7, 9, 11; 18 mar. 1965, Cad. B, p. 4; 13 mai. 1965, 1º Cad., p. 14; 12 fev. 1966, 1º Cad., p. 8; 07 jun. 1966, Cad. B, p. 4; 31 jul. 1966, Cad. B, p. 10, 11, 12, 14, 16, 17; 15 fev. 1967, Cad. B, p. 6; 23 fev. 1967, Cad. B, p. 6; 08 jun. 1967, Cad. B, p. 4; 06 jul. 1967, Cad. B, p. 3; 17 out. 1967, Cartas dos Leitores, 1º Cad., p. 6; 21 out.1967, Cad. B, p. 3; 07 jul. 1967, Cad. B, p. 3; 11 jul. 1967, Cad. B, p. 2 até 16 out. 1967; 27 jul. 1967, Cad. B, p. 2.

Jornal do Gay – noticiário do mundo entendido. São Paulo, n. 2, 1978, publicação mensal. Acervo Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp.

JORNAL dos Sports, Rio de Janeiro, 30 jun. 1977, p. 2; 12 jul. 1977, p. 2; 18 out. 1978, p. 2.

JORNAL **Diário da Noite**, São Paulo, 06 out. 1961, p. 7.

JORNAL **Diário de Minas**, Belo Horizonte, 07 out. 1966.

JORNAL **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 07 mai. 1969, 1ª seção: 11.

JORNAL **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 out. 1966, 3º Cad.: 3.

JORNAL **Gente Gay**, Rio de Janeiro, n. 2, 31 jan. 1977.

JORNAL **Gente Gay**, Rio de Janeiro, 15 fev. 1977

JORNAL **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 4, 25 ago.-25 set. 1978; n. 5, out. 1978; n. 6, nov. 1978; n. 12, maio 1979; n. 30, nov. 1980; n. 32, jan. 1981; n. 36, maio 1981. Disponível em: <https://bit.ly/444r32v>

JORNAL **Tribuna da Bahia**, Salvador, 06/05/1972, p. 4.

LIMA, Marcus Assis. Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**, 2001: 2. Disponível em: <https://bit.ly/41G9ILF>.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: Edufba, 2018.

MARIE, Bianca [FARAH, Anuah]. As grandes personalidades gay – (1). **Gente Gay**, Rio de Janeiro, n. 3, 15/02/1977: 15-16.

MÍCCOLIS, Leila. “Snob”, “Le Femme”. Os bons tempos da imprensa guei. **Jornal Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 28, set. 1980: 6-7. Disponível em: <https://bit.ly/444r32v>

MÍCCOLIS, Leila. O movimento homossexual brasileiro organizado – esse quase desconhecido. In: MÍCCOLIS, Leila; DANIEL, Herbert. **Jacarés & lobisomens**: dois ensaios sobre a homossexualidade. 1ª. ed., Rio de Janeiro: Achiamé-socii, 1983: 96-110.

MÍCCOLIS, Leila. **Catálogo de imprensa alternativa**. 1ª. ed., Rio de Janeiro: RioArte, 1986.

MORANDO, Luiz. Uma proto-história do movimento LGBTQIA em Belo Horizonte (1950-1996). Comunicação apresentada ao GT 23, do VII ENCONTRO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA UFMG, 10 de maio de 2018.

MORANDO, Luiz. **Facebook**, 20/04/2023. Acesso em 20/04/2023. Disponível em: <https://bit.ly/3AzkG9I>

MORANDO, Luiz; AUTOR. Travestis e afeminadas – uma luta que vem de muito longe. **Memórias e Histórias das Homossexualidades** (blog), 29 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3VdeM80>

MORENO, Fernando. Ping-gay-pong com Frederico (sic) Jorge Dantas. **Gazeta de Notícias**. Tudo Entendido, s/d. Acervo AEL/Unicamp.

PENTEADO, Darcy. Cultura homossexual: já existe? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 19, dez. 1979, p. 9. Disponível em: <https://bit.ly/444r32v>

REVISTA **Isto É**, São Paulo, ano II, n. 41, 05/10/1977, seção de cartas, p. 76.

REVISTA **Manchete**, edição 1328, de 1/10/1977, seção de cartas, p. 138.

REVISTA **Manchete**, edição 1325, de 10/09/1977, p. 88-93.

REVISTA **Manchete**, edição 1737, de 03/08/1985, seção Esta semana, coluna Saúde, p. 103.

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. A imprensa gay do Rio de Janeiro: linguagem verbal e linguagem visual. In: GROSSI, Míriam Pillar *et al.* (orgs.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. 1ª. ed., Rio de Janeiro: Garamond, 2005: 69-90.

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. **Impressões de identidade**: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil. [Tese] Doutorado em Letras. Niterói: UFF, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3LAaB2T>.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de identidade**: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. 1ª. ed., Niterói: EduFF, 2010.

RODRIGUES, José. A batalha pelos direitos gay. **Gente Gay**, Rio de Janeiro, n. 8, 30 jul. 1977: 12.

RODRIGUES, Rita C. C. **De Daniele a Chrysóstomo**: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena. (Tese). Doutorado em História Social. Niterói: UFF, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3Lw71qo>

RODRIGUES, Rita C. C. Artes de acontecer: viados e travestis na cidade do Rio de Janeiro, do século XIX a 1980. **Esboços**, revista do Programa de Pós-Graduação em História da USFC, v. 23, n. 35: 90-116, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/422AWfi>.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. 1ª. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAFFIOTI FILHO, José. São Paulo – os acordes da liberação gay. Revista **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1325, 10/09/1977, p. 88-93.

SANDRONI, Cícero. Quatro cantos. Gay power. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 06/ nov. 1969, 1º cad., p. 7.

SILVA, Alessandro Soares da. **Luta, resistência e Cidadania**: uma análise psicopolítica dos movimentos e paradas do orgulho LGBT. Curitiba: Juruá, 2008, pp. 130-142.

SILVA, José Fábio Barbosa da. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. 1ª. ed., São Paulo: Editora Unesp, 2005: 41-212.

SILVA JÚNIOR, Carlos Humberto Ferreira. O Centauro e a protoimprensa gay brasileira: extensão das sociabilidades na década de 1960. Trabalho apresentado no GT5 - Comunicação e lutas por cidadania na disputa de hegemonias, da XVI **Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2022**, de 19 a 21 de outubro de 2022.

SOLIVA, Thiago Barcelos. **A confraria gay**: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizades na Turma OK. [Dissertação] Mestrado em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. v. 1: A árvore da liberdade. Trad. Denise Bottman. 4ª. ed., Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. Consciência de classe. In: THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. v. 3: A força dos trabalhadores. Trad. Denise Bottman. 1ª. ed., Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2012: 413-459.

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE CONFLITO DE INTERESSES

Eu, RITA DE CASSIA COLAÇO-RODRIGUES, autora responsável pela submissão do manuscrito intitulado Mitos, problemas e sinais – a imprensa artesanal gay, o processo histórico e o ativismo antes de 1978, declaro que NÃO POSSUO, CONFLITO DE INTERESSES de qualquer ordem (pessoal, comercial, acadêmico, político, financeiro etc.), em relação ao manuscrito acima referido.

Rio de Janeiro, 6 de maio de 2023.

Rita de Cassia Colaço-Rodrigues

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.